

Memorial roqueiro

Álbum seminal do rock brasileiro, *Johnny McCartney*, de Leno, vence o veto da ditadura

● Cristiano Bastos

cristiano.bastos@jornaldebrasil.com.br

Enquanto durou, o regime militar (1964-1985) fez o que pode – e o que não pode – para obscurecer ao máximo a multicolorida cultura brasileira. A ditadura despachou para o exílio artistas do porte de Gilberto Gil e Caetano Veloso, políticos como Leonel Brizola, e intelectuais da estatura do ex-presidente FHC. Censurou músicas, proibiu filmes e sumiu com gente cujo paradeiro jaz sem resposta. Sumiço que, em 1970, também perdeu uma gema do rock verde-amarelo: o álbum *Vida & Obra de Johnny McCartney*, do potiguar Gileno Azevedo – melhor reconhecido como Leno, ídolo da Jovem Guarda que formava, com Silvia Knapp, a dupla Leno & Lilian (*Pobre Menina e Devolva-me*).

O vetado disco – co-produzido por um novato Raul Seixas – ganha reedição caprichada, porém limitada, pelo selo norte-americano Lion Music. No Brasil, a distribuição é feita pelo selo Record Collector. A remasterização de *Johnny McCartney*, primeiro disco gravado em oito canais em toda a América Latina, foi feita a partir da *master tape* original.

Um livreto de 24 páginas, recheado com fotos inéditas de Leno e Raul, que acompanha o relançamento, vai fazer a cabeça dos fãs. O brado contestador, que se manifestava em letras como *Sentado no Arco-íris* (um rock pesado embebido em guitarras fuzz, ao estilo do Cream), desagradou os censores. Os versos falam em reforma agrária e pregam "subversão": "Tambores gritam guerra em código e fumaça / E os olhos da cidade vigiam cada esquina". Censura, tortura, drogas e repressão são temas que surgem ao longo da obra.

A condenação, para *Johnny Mc-*

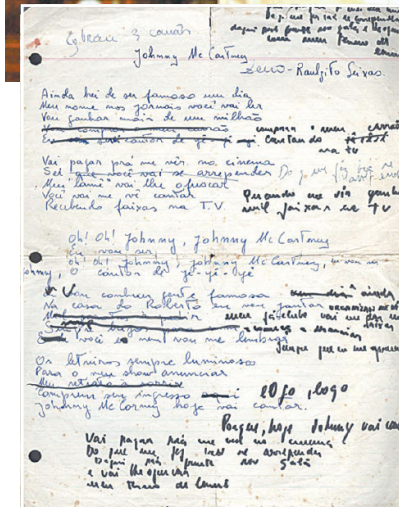
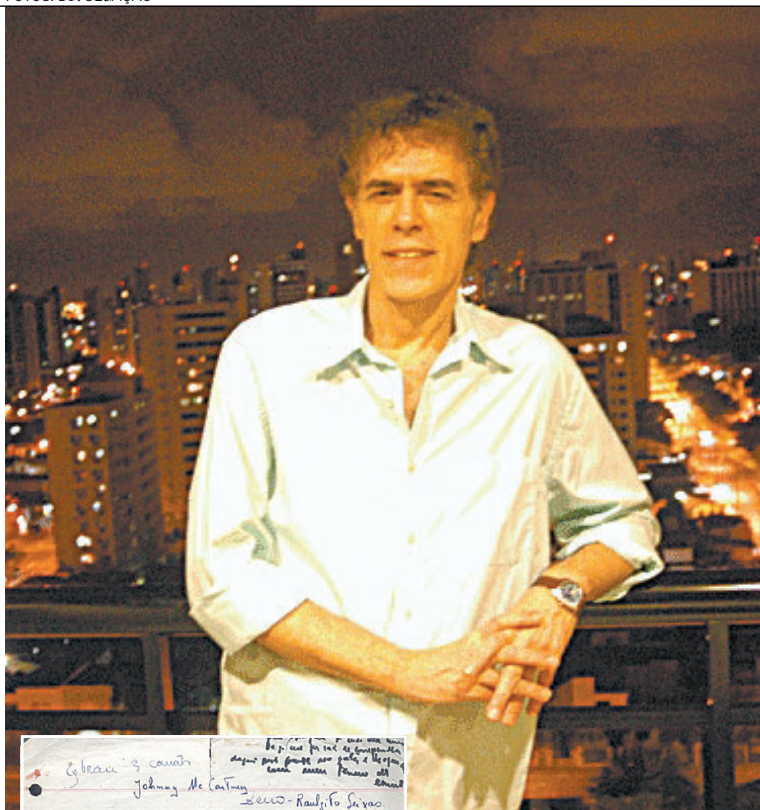
Cartney, imposta pela ditadura, foi mofar durante 25 anos trancafiado nos porões da gravadora CBS, hoje Sony&BMG. *Sentado no Arco-íris* é assinada pelo jovem Raulzito. Trata-se, na realidade, da primeira peça politizada do futuro ícone Raul Seixas: "Lembro dele me dizendo o quanto orgulhava-se de tê-la escrito", recorda Leno, que prossegue gravando e fazendo shows Brasil adentro: "Poucos sabem, mas *Johnny* foi crucial na carreira do Raulzito", situa.

Leno, é verdade, foi quem encorajou Raul, à época produtor na linha de montagem da CBS (onde produziu mais de 80 canções *jovenguardianas*, para artistas do naipe de Márcio Greyck, Jerry Adriani e Trio Ternura), a gravar sua própria "obra maldita". O resultado disso foi *Sociedade da Grã-Ordem Kavernista Apresenta Sessão das 10*, que saiu em 1971.

FIM DE FESTA

Ao encerrar a dupla com Lilian, em 1968, Leno lançou-se como artista solo e emplacou sucessos: *Pobreza*, *A Festa de Seus 15 Anos*, *Sha-la-la* – essa última, uma *pop song* escrita sob medida pelo amigo Raul: "Eu vinha de uma sequência de hits. Encontrava-me no auge, e daí veio a censura: cortou o meu barato", lamenta. Aos 21 anos, em 1970, Leno amargava o estigma do cantor romântico: "Eu curtia o romantismo, mas, queria muito assimilar meu lado roqueiro". Para tocar no disco, convidou músicos de rock que nunca tinham gravado antes, como os integrantes do grupo A Bôlha. Também desfilam pelo álbum, os irmãos Renato e Paulo Cezar Barros (dos Blue Caps), Arnaldo Brandão (ex Hanoi-Hanoi), o grupo vocal Golden Boys e os beat uruguaios Los Shakers.

Para o presidente do Raul Rock Clube, Sylvio Passos, *Johnny McCartney* é um disco fundamental para o rock brasileiro surgido no Brasil pós-jovem guarda. Na *Virada Cultural*, realizada neste mês em São Paulo, Passos convidou Leno para tocar o álbum para um público de 30 mil pessoas. "A maioria desconhecia o disco, e foi tomada de surpresa tanto com o texto quanto com a sonoridade", elogia.



Leno: hoje e na época da Jovem Guarda. Ao lado, manuscrito da faixa-título, que divide com Raul Seixas



Leno (C) posa com a banda, que contava com Raulzito (de branco)



SAIBA +

Raul produtor: "Muita coisa que o Raul aprendeu em estúdio foi nesse disco: como se gravava com mais peso, bateria. Raul era muito intuitivo, gostava de criar"

Los Shakers: "Os Shakers tinham se separado. Até hoje sou fã. Para mim, a melhor banda de rock latino de todos os tempos"

Estrada: "Em 1970, eu já tinha tarimba de estúdio. Fui criado em estúdio, desde os 16 anos. Tinha cinco de estrada"

Johnny McCartney: "O título do disco é uma alusão clara aos Beatles, que haviam se divorciado oficialmente, em abril de 1970. Na época do disco, fui conhecer os estúdios da CBS. Fomos eu e a banda Renato & Seus Blue Caps. Tinha um cara lá fazendo um teste, ficou horas tocando uma música. No final, ele veio falar com a gente: era o James Taylor, antes de estourar"

Raul cantor: "O Raulzito era um amigo íntimo meu, mas o 'Raul Seixas', para mim, na verdade, era um personagem. O Raul era um cara fantástico. Ríamos muito com as brincadeiras dele. Ele era muito musical. E, como eu, adorava rock'n'roll primitivo: Little Richard, Elvis, Carl Perkins. Gostávamos muito de filosofia. Nosso gosto literário era muito parecido. Depois ele entrou de cabeça no esoterismo. Culpa Paulo Coelho. Não tive nada a ver com isso"

Oito canais: "*Johnny McCartney* foi o álbum que inaugurou o novo estúdio da CBS. Era o primeiro em oito canais gravado na América Latina. Era o máximo! No período, gravava-se apenas em dois canais no Brasil. A gravadora pediu-me para inaugurar o estúdio porque sabia que eu gostava de testar som"